



**Breves notas para um só lado do dínamo:  
*O kit de sobrevivência do descobridor português  
no mundo anticolonial*, de Patrícia Lino**

***Brief Notes Towards Only One Side of the Dynamum:  
Patricia Lino's O kit de sobrevivência do descobridor  
português no mundo anticolonial***

Guilherme Gontijo Flores

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

ggontijof@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0081-6512>

Há os que insistem na quadratura do círculo, eu sei. Mas há beleza em dar com burros n'água. E de novo.

\*

Quantas voltas é preciso dar para pegar uma só dinâmica, a roda de um só giro? A resenha é gênero que pretende o ponto, a marca do alvo certo e a delimitação do texto como o conteúdo inequívoco entre capa e quarta capa de um livro. O livro como unidade. A crítica como descrição e resposta clara. Mas ele, o livro, pode ser internamente dispersivo, ou pode ser ele próprio um movimento inserido em movimentos complexos e outros, que demandam uma alucinação do sonho de resposta; aniquilam a pretensão de clareza e univocidade.

É o caso aqui.

\*

Donde se conclui, antes da premissa, que uma coisa é certa. Patrícia Lino é a estreante mais veterana que já vi. E isso ninguém discute. Nascida em 1990 e morando há alguns anos nos Estados Unidos, onde é professora na Universidade da Califórnia em Los Angeles, Lino produziu um verdadeiro *tour de force* em prazo exíguo, e digo com todas as palavras o que produziu em coisa de dozes meses apenas: fundou a revista *Virada — literatura e crítica* em dezembro de 2019, em parceria com Miguel Monteiro (este sediado em Coimbra), com uma proposta editorial que cruza ensaio e poesia experimental numa lusofonia ampla, raríssima de cá ou de lá do Atlântico, ou seja, editoração de risco e ação num mesmo gesto.

Nestes nove meses incompletos de 2020, ano do caos e da melancolia, lançou *Não é isto um livro* pela Ediciones Vestigio, na Colômbia, em edição bilíngue, português-espanhol, com um conjunto de poemas em verso, prosa e experimento visual, onde o leitor pode encontrar pancadas de humor escancarado, lirismo enviesado, rasura, ironia etc., numa vertigem de técnicas e efeitos que é de poucos. Também terminou o curta-metragem *Vibrant Hands*. Como se não bastasse, conseguiu ainda lançar em site o álbum de mixagens *I who cannot sing*, em que manipula as vozes de outros poetas, vivos e mortos, além da própria voz e de instrumentos digitais, para produzir um álbum musical e poemas; no mínimo ironicamente, esse álbum já saiu poucos meses depois na forma áfona de um livro, pela Gralha Edições, também brasileira. Isso tudo, para não falar de *Manoel de Barros e a poesia cínica: o círculo dos três movimentos com vis ao homem-árvore*, publicado em meados de 2019 pela Relicário Edições; nem do livro audiovisual *Anticorpo. Uma paródia do império risível*, que programado para sair Garupa Edições, entre 2020/21. É de fato um dínamo, como a apelidou André Capilé pelas redes sociais.

Então concluo que um livro, nessa sequência intensa e quase sobreposta, é também seu cruzamento com todos os outros, seu quadrado está elevado à potência do labirinto que daí se extrai, ou simplesmente se trai. Aceito a linha e aceito a deriva como métodos de resposta.

\*

Até porque eu não estou aqui para comentar nenhum desses livros mais antigos, e sim o novo, ou novíssimo, no caso, *O kit de sobrevivência*

*do descobridor português no mundo anticolonial*, que sai agora, meio que simultaneamente em duas edições, uma pela portuguesa Douda Correria e outra pelas Edições Macondo, em terras brasileiras. É, então, sua estreia sobre a própria terra, mas já com a marca do retorno violento. Num espaço, estreia tardia, no outro estreia multiplicada, proliferante.

\*

*O kit* é uma sequência descritiva de quarenta objetos muitíssimo variados que trariam tranquilidade a esse persistente descobridor português que segue vivo em mares tão distantes, que já se fartaram da vida de colônia. Ele pode então se refestelar, no delírio de seu aconchego, com um portabilíssimo “frasquinho de mar português” para uso a qualquer hora, seu pequeno “banquinho racial”, para subir mais do que as tamancas e dar sermões, ou mesmo rever seu “diploma de branquitude” ibérica, dentre vários outros. É, de fato, uma vertigem pelo excesso, que desvela, passo a passo, riso a riso, estocada a estocada, as múltiplas camadas obsessivas de uma mentalidade colonial que não se encerra junto com o ciclo histórico das colônias, mas persiste como um curioso cheiro de mofo.

\*

Aliás, que se diga desde já: o traço recorrente nessa série de desvios é a capacidade dupla de obsessão pelo procedimento (a arte como procedimento de vida?) e a potência do sarcasmo como ação política (o riso como resposta de vida?). Lino escreve com toda consciência de que está num mundo que demanda insistentemente que a poesia volte a falar publicamente, que assuma seus lugares entre discursos identitários, pós-coloniais, com toda a força de quem vive num período em que vemos o crescimento da direita mais truculenta pregando uma nova normalização do discurso homofóbico, racista, machista, negacionista, anti-intelectualista, anticientificista etc. A sua escrita demonstra muito bem que não há mais como estar em cima do muro sem cinismo. Em verdade, se olharmos direitinho a conjuntura, nem existe muro, mas apenas a ruína que vão tentando levantar com as ossadas ressequidas dos cadáveres mais velhos. É a forma de um coral, porém em vez de

construir junto dos antepassados, construimos empilhando os mortos do presente, talvez até estarmos debaixo dessa pilha.

Muita poesia danou de chorar as pitangas do mundo caduco em que estamos, e não há como dizer que estaria errada nisso em tempos tão difíceis de experimentar e expressar a alegria. Lino, no entanto, recusa o choro, como se demasiado fácil, e prefere o caminho difícil do riso, ainda mais do riso obsessivo e obcecado de quem encontra um procedimento inescapável. Nesse sentido, e quase que só nesse, seria possível comparar sua poética com a de *Um útero é do tamanho de um punho*, livro-virada-de-página de Angélica Freitas aqui no Brasil que, se por um lado marcou quase qualquer roda de leitura nos últimos anos, por outro deixou um rastro fraco na sua potência de riso e reversão do espaço de chacota; digo isso porque, apesar de tão lido, o livro parece ter produzido menos reflexão sobre as estratégias de embate político que ali estão apresentadas. A questão é: Lino e Freitas apostam em botar os babacas, os calhordas os genocidas na parede, em vez de constatarem que as armas costumam estar apontadas contra elas próprias; entendo que as duas sacaram que as armas da linguagem, quem aponta somos nós, e nem vale a pena fingir que estão nas mãos deles.

Nessa, fico com elas.

\*

É que *O kit*, e não o *kitsch*, embora seu título de *best-seller* anacrônico tenha todas as poses do *kitsch* contemporâneo, não é um livro apenas para o navegador português. (Brinco cá que o trocadilho homófono só funciona em algumas partes do Brasil e permanecerá inútil ao ouvido português). Por isso não sai apenas em Portugal, ou nos países colonialistas e imperialistas dos últimos séculos (os europeus sim, mas por que não os EUA, onde ela vive?).

Sai mui acertadamente no Brasil.

Porque combate delírio discursivo com risada retumbante; e, cá entre nós, o nosso delírio vai bem longe, não? Espie-se apenas um minuto da alta política nacional e vemos como, apesar de seguirmos sendo uma fracassada república das bananas, sempre olhamos para a América mais velha (*This is America*, e *sure it is*, o Haiti também é aqui, como é o fim do mundo) como se fosse o melhor molde: sonhamos com o dia em que seremos de fato “a nação do futuro”, imaginando que o futuro é o

momento em que seremos o império; nisso, Trump é agora nada mais, nada menos que a versão mais rosada (pele salmão de corante artificial) para Bolsonaro; funciona como um atávico sonho de domínio, herdado lá de solos lusitanos, e desdobrado num Vietnã ou coisa que o valha. O Brasil raramente encara sua própria condição de país colonizado, precário, risível; hoje aposta desbragadamente em mentir para si mesmo até que seja por fim ele próprio o colonizador, ainda não se sabe bem de quê; talvez apenas de si mesmo.

Por isso *O kit* é um remédio em bom tempo; um fármaco amargo, talvez. Expõe como a piada já vai gasta, como a risada errou a mira. O palhaço somos nós, há já muito tempo. Nisso nos irmanamos muito a Portugal, embora não em tudo, embora os delírios só se toquem, sem se cruzarem. Podemos, ambos, servir de estoque para gargalhadas por mais tempo, porém de piadas diversas, porque temos estoques.

Digamos que cada qual usa do seu jeito o “banquinho racial”, e talvez o mais tolo deles é o mais comum: o que não se vê (nem o banquinho, nem a si mesmo).

\*

Aqueles versos de Chico, “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal, / ainda vai tornar-se um imenso Portugal”, apesar de estarem na suposta voz de um português colonizador, expressam com precisão o delírio especular, é a própria voz brasileira em retorno replicante ao nome do pai português, *nom du père*, quando poderia bem dizer um não ao pai, *non au père*.

\*

Lino, como dínamo, é também uma pletora, já se viu. E isso tem seu quê de fractal. *O kit* é, de certo modo, a concentração de muito do que já se via antes, e isso eu já disse. Mas ele é também a multiplicação do procedimento obsessivo e proliferante. É uma máquina sem fim de chiste, arrisca mesmo a engolir leitoras e leitores que passem por ali, enquanto vai criando mais e mais atributos para um mesmo kit. Ora, um kit que se preze leva apenas o básico.

\*

Pense-se, por exemplo, num labirinto feito só de linhas retas. Que sempre vão dar só no outro lado, num cruzamento de inúmeras outras linhas que dão sempre no ponto avesso. E cada um dos contrapontos será apenas um ponto branco. É ou não é muito mais perturbador que aquelas tradicionais curvas em noventa graus, aquele paredão sem fim? O monocromo do branco é também o monograma, talvez dos genocídios que não terminam nessas linhas retas.

\*

Penso que de nota em nota breve, entro eu mesmo na deriva, prolifero o jogo sem enquadrar o cerne. Daí que sejam notas para um só lado, um só livro que vem de muitos; notas endereçadas ao livro como que a interpelá-lo sempre obliquamente, evitando o tu íntimo dos português. Falo de Patrícia na terceira pessoa pois sou muito educado, mas é a Patrícia que me endereço; e aqui o meu você cruza o você dela: estamos num ótimo equívoco. É muito agradável estar num ótimo equívoco.

\*

No entanto as notas, se fossem verdadeiramente sinceras, poderiam mesmo ser a partir de um só lado. Elas sonham a dar voltas, esquadrinhar, quadraturar o bicho-livro com suas regras e procedimentos, mas seguem mais à deriva, perdem o fio da linha reta; parecem mesmo acreditar na “contribuição milionária de todos os erros”, como possível apontamento anticolonial da vida, e não só da política. Até porque ninguém escreve livros sem vida, e da vida só pode surgir derivas, elas próprias vivas; tal como os livros, se forem mesmo vivos em todos os sentidos, só podem produzir coisas bem outras de si mesmos, e não bonsais tristes, fractais opacos.

\*

Volto-me ao ponto: o risco do riso. Patrícia deve causar incômodo em Portugal. Pergunto-me, muito sincero, se poderá causar incômodo nas bandas de cá. Desejo intensamente que sim, mas desconfio que não será o caso. Somos colonizados demais pra percebermos que somos coloniais: veja apenas a questão indígena, com várias etnias sofrendo o

mais franco genocídio em nome da expansão (o mesmo vocabulário do império lusitano). Ou sonhamos na fala o anticolonial, o descolonial, o decolonial demais pra vermos o nariz na cara — ora, há que se ter um baita nariz na cara para saber onde é que a cara fica. Eu bem que posso estar errado: aqui aposto meu sonho.

\*

Volto-me ao mesmo ponto, agora um pouco outro: o risco do riso. Lino aposta seu sonho na proliferação da piada. E faz tanto e tão e tão bem, que *O kit*, como eu já disse, não cabe mais no bolso; ou cabe, mas só como o livro do kit que ele mesmo é. É um livro exauriente, talvez mesmo autoexaurido, sinal claríssimo da inventividade-dinamo de Lino. E, sendo assim, seu risco extrapola até chegar ao ponto em que as piadas, mesmo que hilárias, começam a perder o sentido. Há algo de em linha reta, ou de faca só lâmina (se meu bairrismo pesar demais), que para de oferecer o riso confortável e começa a oferecer porradas. Eu, leitor, me inverte por vezes de compatriota-poeta da poeta em vítima do riso; eu, recolonial no espelho. Uma piada a mais, e posso me explodir.

\*

A obsessão do discurso da metrópole é sua linha insistentemente reta. A curva barroca pode ser um caminho de sonho para contorná-la, ou mesmo atravessá-la confusamente, sem lhe dar a chance de agarrar. A contramissão antropofágica (que eu mesmo já desdobrei em misantropofágica) certo dia virou essa reta pelo avesso, e ainda estou fazendo a conta para ver o que dali depreendi. Lino, mostra a reta na reta excessiva aqui, mostra avessa de lá; mostra e mostra e mostra. E aposta num modo inacabado da implosão. Espero mesmo que também imploda aqui.

Data de recebimento: 20/10/2020

Data de aprovação: 12/12/2020